

O lado mais sofisticado do sotaque mexicano

A instalação da filial brasileira da Editora Fondo de Cultura Económica de México prova que mexicanização não é só sinônimo de dramalhão e sublitteratura

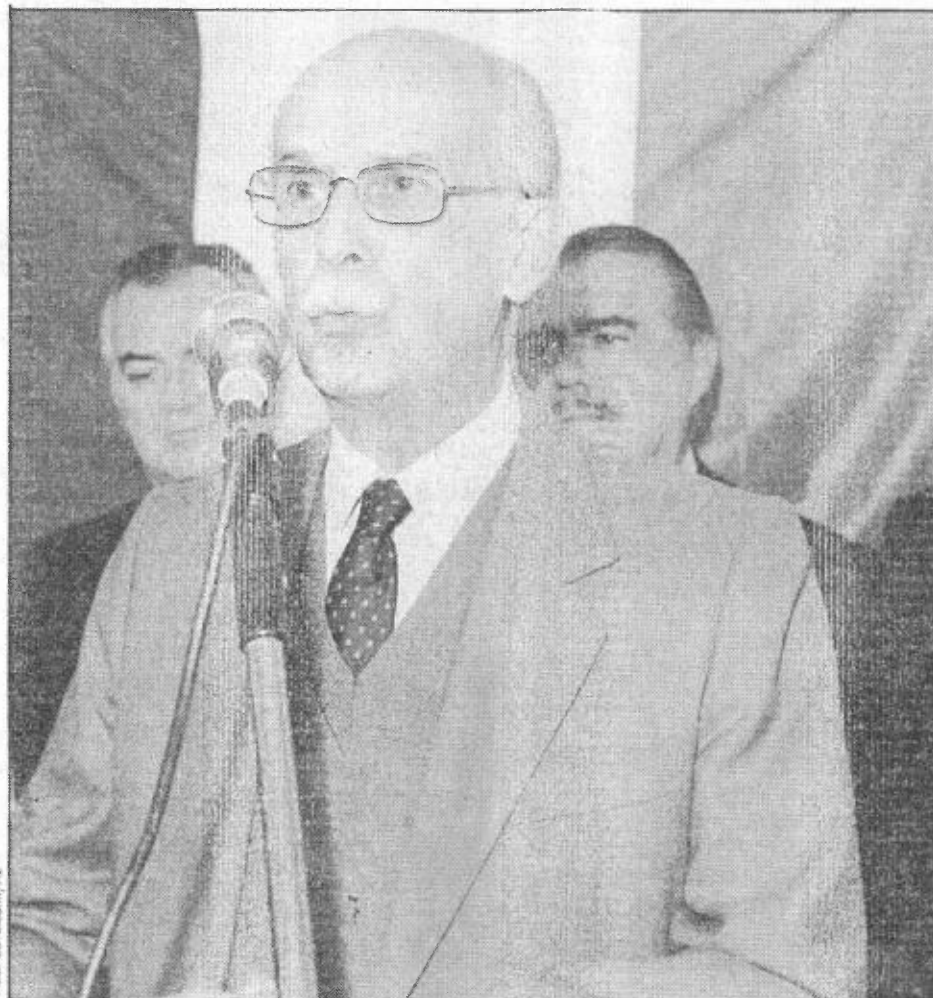
Lina de Albuquerque

que se convencionou a chamar de "mexicanização da cultura brasileira" não deve ser associado apenas com a aura brega da atual novela de sucesso do SBT, a melodramática **Carrossel**. A recente inauguração da sucursal brasileira da Editora Fondo de Cultura Económica de México em São Paulo expõe também o lado culto e elegante desse fenômeno. A editora estatal mexicana tem hoje 47 anos, cinco mil títulos no catálogo, filiais em oito países da América Latina e nos Estados Unidos. Seus livros são de ótima qualidade, custam a metade do preço e visam atender principalmente ao mercado universitário. A inauguração da filial do Fondo no Brasil, na noite de sexta-feira, provavelmente passou ao largo do grande público de **Carrossel**.

O abasileiramento do Fondo contribuirá para ampliar o espaço oferecido aos autores nacionais na editora. Atualmente, os escritores brasileiros já têm considerável participação no Fondo. A editora mexicana há muito tempo publica em língua espanhola clássicos da literatura do País, como **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis. Na área de economia, vale lembrar que Celso Furtado foi lançado pelo Fondo antes de ter os seus textos publicados no Brasil. Segundo o diretor da filial brasileira, o ensaísta e poeta argentino Alberto Mário Perrone, entre os próximos lançamentos estão uma seleção de ensaios do crítico de literatura Antonio Cândido — que ainda não conta com nenhuma obra sua traduzida para o castelhano —, uma novela de Autran Dourado e uma pesquisa do Instituto de Estudos Políticos e Sociais do Rio, coordenada por Hélio Jaguaribe.

"Espero que agora o leitor brasileiro volte a cultivar o hábito de ler em espanhol", disse Hélio Jaguaribe. Na sua opinião, a instalação da sucursal da editora no Brasil constitui "um dos principais eventos culturais dos últimos tempos". O crítico Antonio Cândido se apressou em chamar a atenção para o fato de a sua geração ter se aproveitado imensamente dos livros do Fondo, no período de sua formação acadêmica. Somente a partir da década dos 60 é que começou a ser traduzido para o português material de relevante interesse da área de sociologia. Foi por intermédio do Fondo que o Brasil teve acesso, por exemplo, às primeiras edições críticas de **O Capital**, de Marx.

O ex-presidente do México e atual diretor-geral da matriz do Fondo de Cultura, Miguel de la Madrid, reafirmou o interesse em investir em obras de história e tecnologia. Desde já, De la Madrid encomendou um



Antonio Cândido (De la Madrid e Sarney ao fundo): pela primeira vez em castelhano



Octavio Paz: obra completa circula pela Europa

livro didático sobre a História do Brasil, cujo autor ainda está sendo sondado por Perrone. A Fondo estuda a possibilidade de lançar publicações em sistema de co-edição com a Universidade de São Paulo (USP), órgãos públicos e, eventualmente, editoras privadas. O livro de memórias que Celso Furtado prepara será publicado, simultaneamente, pelo Fondo e por uma editora nacional.

Entre os diversos presentes na solenidade de inauguração da sede brasileira — como as escritoras Lygia Fagundes Telles e Néida Piñon, e o empresário José Mindlin — estava também um autor que figura na **História Concisa da Literatura Brasileira**, de Alfredo Bosi, como "um dos maiores escritores contemporâneos": o ex-presidente José Sarney. Seu livro de contos **Norte de Águas** já aparece no catálogo atual do Fondo. E outros dele virão, porque nem tudo é unanimidade.

SERVÍÇO

Editora e Livraria do Fondo de Cultura Económica de México — Alameda Campinas, 1.077.

Jardins, São Paulo, de segunda-feira a sábado, das 9 às 18 horas.